



É FESTA NA ALDEIA! Viva a tradição cultural tocantinense

IT'S A PARTY IN THE VILLAGE! LIVE THE TOCANTINESE CULTURAL TRADITION

Maria do Socorro Mesquita da Silva Nunes – UFTNT – Araguaína – Tocantins – brasil
mesquita.silva@mail.uft.edu.br

Eliseu Pereira de Brito – UFTNT – Araguaína – Tocantins – brasil
eliseubrito@uft.edu.br

RESUMO

Buscou-se construir uma abordagem sobre os povos indígenas e suas festas por meio de uma revisão teórica e de vivências com os povos indígenas. Suas histórias, culinárias e festas foram entendidas como herança cultural, discutidas como um possível legado cultural. Como forma de fazer a pesquisa, os caminhos percorrido foram de uma investigação qualitativa construída por leituras que possibilitaram o entendimento dos indígenas e uma descrição de vivências nas aldeias por meio de trabalho de campo. O alvo principal buscado nos percursos metodológicos foi descrever a riqueza das festas indígenas e seu papel na expressão da diversidade cultural tocantinense, tão rica e ao mesmo tempo, ainda pouco conhecida e estudada. O debate em torno sobre as causas indígenas, que tem sido negado por autoridades, e seu valor para o legado cultural tocantinense é uma das principais contribuições deste ensaio.

Palavras-chave: Diversidade Cultural; Festas Indígenas, Legado Cultural, Povos Indígenas do Tocantins.

ABSTRACT

We sought to build an approach to native peoples and their festivals through a theoretical review and experiences with native peoples. Its histories, cuisines and festivals were understood as a cultural heritage, discussed as a possible cultural legacy. As a way to carry out the research, the paths followed were a qualitative investigation built with readings that enabled the understanding of the native people and a description of experiences in the villages through fieldwork. The main aim sought in the methodological paths was to describe the richness of native festivals and their role in the expression of Tocantins' cultural diversity, so rich and at the same time, still little known and studied. The debate around native causes, which has been denied by authorities, and their value for the cultural legacy of Tocantins is one of the main contributions of this essay.

Keywords: Cultural Diversity; Native Parties, Cultural Legacy, Native Peoples of Tocantins.

INTRODUÇÃO

O legado cultural dos povos indígenas na representação das tradições, da culinária, das festas para o Tocantins é muito rico e importante. Neste texto discutimos a festa indígena como legado cultural do Tocantins. Em decorrência da diversidade da cultura indígena, discutir as festas foi uma delimitação importante para compreendermos como ela contribui na cultura tocantinense.

Esse tema perpassa pela riqueza das festas indígenas e devido o seu papel na expressão da diversidade cultural tocantinense, que é rica e ao mesmo tempo, ainda pouco conhecida. Por esta razão, objetivamos evidenciar as festividades culturais indígenas como parte das manifestações culturais do Tocantins.

Frente a diversidade cultural indígena, faz-se necessário um breve relato sobre as etnias que vivem no Tocantins, situadas em diferentes regiões do Tocantins, em terras indígenas, nem todas, oficialmente demarcadas. São nove etnias existentes: Karajá, Xambioá, Javaé, akwê Xerente, Krahô, Krahô Canela, Apinajé, Avá-Canoeiro e Pankarary.

A riqueza cultural dos povos indígenas é relevante e inquestionável. Suas pinturas diversificadas, seus artesanatos, suas tradições e ritos, culinária, suas formas de caçar, pescar, e coletar estão intimamente ligados a sua subsistência. Cada etnia tem suas particularidades, sua história de resistência e sobrevivência, suas tradições. Martins (1993, p. 26) ressalta a resistência indígena à invasão colonizadora, ao dizer que:

As populações indígenas têm mais do que resistido à invasão e à espoliação branca e capitalista de seus territórios. Assim como a violência do branco se manifesta na tentativa de desfigurá-las culturalmente, elas também têm indicado, em suas lutas, o que lhes é insuportável e indecifrável no que para muitas delas é uma nova situação, que é a situação de fronteira, criada pela expansão territorial do grande capital e da sociedade civilizada.

Os povos indígenas resistem por sua sobrevivência desde que o tal descobrimento do Brasil aconteceu, “história” esta, contestada atualmente no meio acadêmico, porém, ainda mal contada em livros usados no ensino fundamental e médio, como mencionado por Xerente (2020, p. 23):

Antigamente os indígenas era falado somente nos livros então poucos acreditava, mais ainda porque o livro era escrita de maneira muito errada. Eu conheço um livro didático de ciências onde se afirmava que a origem do índio era dos primatas. Mas não é certo, cada grupo indígena tem a sua origem, e também neste livro estava escrito que o índio devorava gente. E tem o não índio que ainda pergunta: “índio come gente?”, “índio veio dos macacos?” É do jeito que está escrito no livro, mas não é isso.

Xerente (2020) ainda ressalta a importância de ser indígena, de falar na sua língua e de divulgar a sua cultura para os não indígenas, para serem reconhecidos como indígenas e que conheça a verdadeira história, “[...] sem a divulgação da cultura nenhum povos originário é reconhecido.” (XERENTE 2020, p. 23).

Ainda falando sobre a divulgação cultural indígena, Pinto e Grando (2009) ressalta a importância de valorizar, resgatar e difundir a cultura como forma de preservar conhecimentos, valores e ritos,

O resgate, a valorização e a difusão da cultura indígena são elementos necessários à preservação dos conhecimentos e das manifestações culturais advindas das mais de 220 etnias que vivem nas diferentes regiões do nosso País. São valores, ritos cotidianos que se apresentam no universo cultural das sociedades indígenas e que se manifestam em suas danças, cantos, pinturas corporais e em seus jogos esportivos que valorizam o lúdico, o brincar e a expressão de sentimentos como a alegria, essenciais para a qualidade de vida do ser humano e sua convivência social. (PINTO; GRANDO, 2009, p. 5)

As nove etnias que vivem nas terras tocaninenses possuem população aproximada de 13.000 pessoas (IBGE, 2010). Um povo que luta pelos seus territórios, na permanência identitária. As sutilezas de seus ritos, pinturas, línguas, festas, compõem o patrimônio material e imaterial tocaninense, um legado cultural importante que impacta nas gerações desde os usos da natureza para alimentação, curas e rituais, aos artesanatos, histórias e mitos. São estas questões que buscamos identificar e discutir neste ensaio.

Os habitantes do sul do Tocantins, os povos Avá-Canoeiro

O povo Avá-Canoeiro ocupava desde o século XVII a região do rio Tocantins migrando, posteriormente, para o rio Araguaia, após embates sangrentos com os

colonizadores, que em busca de mão de obra para as lavouras, adentraram a região, alcançando o norte de Goiás, atual Tocantins (FARIAS, 1990).

Este povo tem uma história traumática e de resistência, foram quase exterminados, mais em confronto, preferiam a morte do que os julgos sobre seus povos conforme lembra Farias (1990). Sahlins (1997, p. 52) corrobora com esse pensamento, pois segundo ele “[...] devemos prestar mais atenção aos hesitantes relatos etnográficos sobre os povos indígenas que se recusaram tanto a desaparecer quanto a se tornar como nós.”

Estes povos habitavam as margens do rio Tocantins e a região da serra do Trairas no sul do Tocantins. Ao serem expulsos de seus territórios, forçaram uma migração para a área do médio rio Araguaia, disputando território com os povos Karajás e Javaés, habitantes da ilha do Bananal. Atualmente, busca o reconhecimento das terras da Mata Azul, no município de Formoso do Araguaia, como suas terras.

Apinajé

O povo Apinajé tem uma população estimada de 2.277 indígenas (SIASI/SESAI, 2114), pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, classificado como Timbira Ocidentais. Suas terras fazem fronteira com os municípios de Tocantinópolis e Maurilândia do Tocantins, Cachoeirinha e Lagoa de São Bento.

Praticam a agricultura de subsistência, a caça de animais silvestres e a coleta de babaçu. Do babaçu utilizam tudo, da amêndoa extrair o óleo, da palha fabricam materiais domésticos e cobrem suas casas, das cascas fazem carvão ou lenha para cozinhar, além de produzirem artesanato.

São agricultores que têm na plantação do arroz, da mandioca, do milho suas principais culturas, além da pesca, pois são povos que habitam as margens do rio Tocantins e da caça. Os rituais e tradições são repassados de geração a geração, como o ritual da festa da Tora Grande que incorpora o batismo, corrida da tora, corrida de flecha e outras cerimônias.

Krahô-Kanela

O povo Krahô-Kanela é formado pela união do Krahô do Tocantins e do Kanela do Maranhão. Habitam na Mata Alagada, no município de Lagoa da Confusão, região centro-oeste do Tocantins, pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê (RODRIGUES, 1986).

O povo Krahô-Kanela tem uma história de luta e resistência. Em 1976 foram expulsos do seu território habitual, por empresa que alegava ter comprado a terra, inserindo-os numa luta que durou trinta anos para ter o reconhecimento de seu território, mesmo que ainda em recurso.

Ao longo deste litígio judicial e extrajudicial, houve o não reconhecimento como indígenas por parte da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, devido ao fato de serem “miscigenados” com pessoas da região, à omissão dos agentes públicos em sanar as necessidades do povo. A medida, ineficiente, tomada pela FUNAI e pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA resultou em acomodar o povo em diferentes lugares, não havendo a adaptação do grupo em seus territórios demandados.

A começar pela Ilha do Bananal em 1987, doze anos depois a FUNAI, órgão que permitiu a ida deles pra lá, fez sua retirada por não os considerar indígenas. Sendo posteriormente transferidos para assentamentos da reforma agrária, onde também não se adaptaram. Por duas vezes tentaram retomar a Mata Alagada, mas judicialmente, foram obrigados a se retirar. Depois, por quase três anos, viveram provisoriamente em um imóvel cedido pela FUNASA sem as mínimas condições de abrigar o povo com seus usos e costumes tradicionais. Apenas em 2000, a FUNAI assumiu a responsabilidade de auxiliar o povo indígena. Em 2007, a FUNAI e o INCRA adquiriram uma parte da Mata Alagada para assentar as famílias Krahô-Kanela. Desde então, o grupo reivindica o aumento da terra conquistada, buscando melhorias na saúde, educação e atividades produtivas, que deveriam ser asseguradas pelo Estado. (MAURO, 2011, p. 14)

Os Krahôs-Kanela vivem do cultivo de pequenas plantações, criação de porcos, de aves e de gado. As queimadas têm trazido prejuízo à população, pois destroem as

plantações, afugentam os animais silvestres e destroem as invernadas que usam para os pastoreios da criação de animais.

Krahô

Os Krahôs vivem nos municípios de Itacajá e Goiatins, no nordeste do Tocantins (RODRIGUES,1986). Tem uma população estimada de 2.799 pessoas segundo dados da DSEI - Distritos Sanitários Especiais Indígenas do Tocantins para o ano de 2014, distribuídos em 29 aldeias”. A forma da distribuição das casas é circular, ficando um amplo pátio vazio chamado de Ká, um espaço de convivência em que são realizadas as reuniões comunitárias, momento que são tomadas decisões sobre as festas e assuntos de interesse comum

Suas manifestações estão repletas de rituais, festas e culinárias. Há as festas tradicionais como a corrida de tora de buriti, da Batata, dos rituais de iniciação e de celebração de suas histórias e mitos, todas com muita dança, brincadeiras e rituais. Chama-se atenção a feira de troca de sementes realizada anualmente entre o povo Krahô e outros povos, uma forma de manter suas culturas nos cultivos de alimentos.

São povos que praticam a agricultura no cultivo do milho, da mandioca, da batata e do feijão. Produtos utilizados nas suas culinárias tradicionais. Também é preciso ressaltar que estes povos produzem artesanatos de sementes do Cerrado, construindo ornamentação, enfeites e jóias de sementes, capim e penas.

Xerente

O povo Akwẽ Xerente vive às margens do rio Tocantins, no município de Tocantínia, a 70 km de Palmas, capital do estado do Tocantins. Com população estimada em 4.500 pessoas, distribuídas em 93 aldeias. A Terra Indígena Xerente foi demarcada em 14 de setembro de 1972. São povos que cultivam banana, mandioca, batata e criam animais como a galinha caipira para consumo familiar. São habilidosos na produção de artesanatos com a palha e fibra do buriti, do babaçu e são detentores de saberes da arte

de tecer em Capim Dourado, produzindo adornos corporais usados nas festas tradicionais à venda fora da aldeia.

Uma de suas principais festas é a Corrida da Tora, um ritual importante “que envolve a cultura, a língua, a cosmologia, inclui velhos, adultos, jovens, crianças, homens e mulheres.” (XERENTE, 2020, p. 4). Ocorre em equipe, onde os participantes carregam um tronco de buriti com 400 quilos, a uma distância de dois quilômetros até o centro da aldeia. O campo de futebol aberto no pátio da aldeia é chamado de Warã, espaço em que os participantes da corrida de tora dançam em torno do Warã (pátio), local de saída e chegada das toras.

No Dasĩpê vários são os rituais realizado na festa cultural, como nomeação feminina e masculina, a dança do Padi (tamanduá bandeira), a festa do tamanduá, as corridas, cabo de guerra, futebol e corrida da tora. À noite, o povo canta e dança. O kupre é uma cerimônia que só acontece quando anciãos morrem, é realizada para frear a morte. Os Akwês são patrilineares, ou seja, os filhos pertencem a seus pais. (XERENTE, 2020).

Javaé, Karajá e Karajá Xambioá

Os povos mencionados se autodenominam Iny, cujo significado é gente verdadeira (MATTOS et al, 2013, p. 101), falam a mesma língua, têm os mesmos costumes e se reconhecem como parentes. Apesar de viverem em regiões geográficas diferentes, vieram dos mesmos ancestrais.

Rodrigues (1999, p.1) afirma que esses povos têm a mesma cultura, apesar das diferenças,

[...] pode-se dizer que Karajá, Javaé e Xambioá possuem a mesma “cultura”, embora haja também diferenças consideráveis entre os três grupos. Tradicionalmente os Karajá habitam a porção ocidental da Ilha do Bananal, enquanto os Xambioá vivem no baixo rio Araguaia, distantes da Ilha do Bananal, sendo conhecidos como os “Karajá do norte”. Os Javaé costumavam viver no interior da ilha, ao longo do rio Javaé e de seus afluentes – este é o nome que o rio Araguaia toma ao contornar o lado oriental da Ilha do Bananal.

Segundo Mattos (et al, 2013, p. 104), “A língua Karajá pertence à família linguística Macro Jê e se divide em três dialetos: karajá, javaé e xambioá, com suas respectivas variações.”

JAVAÉ

Este povo vive no interior da Ilha do Bananal às margens do rio Javaé e seus afluentes, no município de Formoso do Araguaia. Javaé é o canal do rio Araguaia que se abre e circula uma faixa de terra que é a ilha do Bananal. É um rio impactado pelos projetos de irrigação de sua bacia hidrográfica desde as décadas de 1970, quando criou o projeto Formoso e tem se intensificado como avanço da fronteira agrícola na região da ilha do Bananal.

Os povos Karajás tem na pesca importante fonte de sua dieta com pescado diversos no rio mais piscoso do Tocantins, o Araguaia. São povos que plantam as principais culturas que fazem parte de sua dieta alimentar com cereais, tubérculos e leguminosas.

Segundo Mattos (et al, 2013, p. 110), o povo Javaé produz variados artesanatos para o comércio e enfeites pessoais,

produz artesanato para o comércio, venda ou troca, [...] As mulheres confeccionam colares e pulseiras, a matéria prima é de pássaros, coco e frutas adquiridas dentro da própria terra indígena. Elas sabem fazer também esteiras, cestas e diversos enfeites com palha de buriti, mas como na Ilha não existe essa árvore esses artesanatos não são feitos com frequência.

Como forma de preservar a identidade e ritos, o povo Javaé faz pinturas corporais, porém, não ocorre com frequência como relata Mattos (et al, 2013, p. 110), “a pintura corporal não é usada frequentemente pelos Javaé, apenas em rituais, como a festa de Hetohokan, um ritual que simboliza a passagem de uma categoria de idade para outra, ou seja, representa a iniciação do menino Javaé para a vida adulta”.

Devido aos intensos contatos com os não indígenas e a vinda dos “brancos” para a aldeia, a organização social do povo Javaé sofre modificações, como os aspectos ambientais e econômicos (MATTOS et al, 2013, p. 115). Apesar das consequências dessas

interferências externas no modo de vida Javaé, é um povo que luta para manter suas tradições.

Karajá

Segundo a lenda do povo Karajá, eles vieram do fundo do rio. Para eles, o rio é uma referência mitológica,

O mito de origem dos Karajá conta que eles moravam numa aldeia, no fundo do rio, onde viviam e formavam a comunidade dos Berahatxi Mahadu, ou povo do fundo das águas. Satisfeitos e gordos, habitavam um espaço restrito e frio. Interessado em conhecer a superfície, um jovem Karajá encontrou uma passagem, *inysedena*, lugar da mãe da gente (Torral, 1992), na Ilha do Bananal. Fascinado pelas praias e riquezas do Araguaia e pela existência de muito espaço para correr e morar, o jovem reuniu outros Karajá e subiram até a superfície. Tempos depois, encontraram a morte e as doenças.

Tentaram voltar, mas a passagem estava fechada, e guardada por uma grande cobra, por ordem de Koboí, chefe do povo do fundo das águas. Resolveram então se espalhar pelo Araguaia, rio acima e rio abaixo. Com Kynyxiwe, o herói mitológico que viveu entre eles, conheceram os peixes e muitas coisas boas do Araguaia. (PIB socioambiental, 2021)

Os povos Karajás também são moradores da ilha do Bananal, mas habitam as margens do canal principal do rio Araguaia. São povos que produzem artesanatos e tem na boneca Ritxòkò sua arte de maior expressividade. As bonecas representam o cotidiano do povo e seus ciclos rituais, como o parto, a morte, a caça entre outros. Ritxòkò é considerada patrimônio nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Karajá Xambioá

Como já mencionado, o povo Karajá do norte possui a mesma linhagem do povo Iny. Suas terras se localizam no município de Santa Fé do Araguaia, às margens do rio Araguaia, fronteira com o estado do Pará (SILVA, 2018, p.17).

Desde 2018 o povo conta com mais uma aldeia, totalizando cinco comunidades. A aldeia Xambioá, a mais antiga, kurehe, Wary lyty, Hawa Tymyra, e a Manoel Achurê, fundada em 2018.

O povo Karajá Xambioá obtém seu sustento da caça, da pesca e da coleta de frutos nativos. Cultivam em roça de toco coletiva onde os envolvidos trabalham juntos desde o preparo da terra à colheita. As principais culturas são da mandioca, feijão, milho, arroz e banana, muito utilizada no cotidiano destes povos.

Os pratos típicos da culinária do povo Karajá Xambioá são diversificados, com receitas milenares perpassando gerações, e sendo praticadas em gerações. Cada prato traz uma história que os povos contam. Algumas são comidas tradicionais como o Calugi de arroz (cozido de arroz, batata doce e rapadura), Bororò- (cozido feito na casca da tartaruga com os miúdos, sal e farinha), Peixe assado (com escamas) (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016).

As receitas medicinais são retiradas da natureza como de cascas, folhas, flores, raízes das árvores e ervas, e de animais que servem para produção de remédios no tratamento de seus males, desde uma simples dor de cabeça a uma diabete. Dentre esses remédios caseiros destaca a cana de macaco (dores nos rins), raiz de fedegoso (febre), fedegoso (gripe), banha de tartaruga (queimadura e arranhões), flor da abóbora (dor de ouvido), folha de algodão (dordoi, conjuntivite) (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016). Preservar as tradições culturais tem sido uma expressão da arte e de suas identidades.

É notória a contribuição indígena para culinária e medicina alternativa para a comunidade não indígena. Apesar de alguns prejuízos sofridos pelos indígenas ao longo dessa relação índio verso branco, para o não indígena tem sido de ganho, em virtude de tamanha riqueza cultural.

Como ocorre com os demais povos indígenas, o povo Karajá do norte também tem sofrido influência em sua forma de viver, em virtude do intenso contato com a sociedade não indígena e seus costumes, como por exemplo da língua materna, língua de seus ancestrais. Atualmente só os mais velhos falam ativamente a língua, os mais jovens já não falam. Os jovens aprendem a cantar, fazer pinturas e dançar, porém não falam fluentemente e nem compreendem a língua, quando falam são palavras soltas e frases pequenas. Outro problema preocupante é a entrada dos não indígena de forma excessiva e com eles bebidas alcoólicas.

Apesar das influências externas, o povo ainda mantém seus aspectos culturais, e realizam suas festas culturais anualmente, a Festa da Tartaruga e a Festa do Peixe, como descrito abaixo;

Desta forma, as aldeias se mobilizaram no intuito de promover festas culturais todos os anos. Assim, na aldeia Wari-Lyty acontece a “Festa do Peixe” geralmente nos mês de junho ou julho.

Na aldeia Xambioá acontece a “Festa da Tartaruga” no mês de outubro. Na aldeia Hawa-Tymyra acontece a “Festa do Dia do Índio” em Abril. Diferente das festas das décadas de 1980, essas festas são culturais. São evidenciados os jogos tradicionais do povo Karajá-Xambioá. A festa tem a participação de todas as comunidades da Terra Indígena Xambioá. Outros indígenas também são convidados para participarem dos eventos. (EDVAN, 2018, p. 76)

Barroso (2011, p. 55), se refere às mudanças ocorridas ao povo Xerente, com um olhar normal, considero pertinente mencionar este relato, pois favorece a discussão sobre as influências e intervenção da aculturação na modificação da identidade indígena:

as coisas que se modificaram com o tempo como a linguagem, as palavras acrescentadas do português, o gosto pelas coisas materiais vendidas na cidade, o futebol que em cada aldeia é praticado com dedicação, não os fizeram menos índios, a identidade mantém guardada dentro de si, continuam a realizar sua celebrações como a nomeação, a corrida de toras, a festa do casamento, os rituais do enterro, além dos costumes tradicionais como o parto.

É importante ressaltar que os povos não reagem da mesma forma às relações. Enquanto que para o autor, a modificação da língua, palavras acrescentadas do português, o futebol agregado, o consumo dos produtos das cidades, não fazem do índio menos índios, pois, segundo ele, mantém guardado dentro deles suas celebrações, festas e ritos, enquanto que o povo Karajá Xambioá tem se esforçado para preservar tradições culturais. É preocupante observar que o povo, em sua maioria, tem perdido o conhecimento da língua materna, bem como outros costumes em virtude da aculturação ocorrida devido ao contato com o não indígena.

Para Mattos (et al, 2013, p. 109), “[...] muitos subsistem até sem sua língua, mas mantêm sua cultura, sustentam sua alteridade, graças a estratégias próprias.” É assim que consigo ver o povo indígena, um povo forte e persistente, que luta por sua identidade cultural mesmo diante a tantas adversidades, e ainda assim, se firmam como povo.

O povo Karajá Xambioá possui uma linda cultura, com festas e ritos enriquecedores, que é representada por duas grandes cerimônias: o rito de iniciação

masculina, o Hetohoky, que significa festa da casa grande. É um ritual de passagem dos meninos para a fase adulta. Nesse ritual, os jovens passam um tempo dentro de uma casa construída para a festa, onde os seres místicos colaboram com os pajés para fazer desse novo adulto um Iny, que consiga caçar, pescar e saiba cuidar da casa de Aruanã. A outra festa é a de Aruanã, que representa ciclos anuais embasados na subida e descida do rio Araguaia. Entre os pequenos ritos destaca as festividades de agradecimento e conscientização do Timbó, do Peixe e do Mel (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016).

De fato, as festas indígenas têm importante contribuição na identidade e legado cultural tocantinense, devido as suas riquezas, permanências e expressividades. Apesar de tamanha riqueza cultural, os povos indígenas enfrentam muitos desafios, como o perigo da perda de sua cultura, de sua língua e identidade.

Para Liebgott (2011, p. 12-13),

[...] cada povo indígena é um mundo cultural próprio: sua língua, suas crenças, suas tradições, leis internas, organização política interna. São absolutamente diferentes do nosso modo de relacionamento com o direito, com a organização política dentro do país, e cada um tem sua própria organização [...] eles nunca serão iguais a nós e temos que entender isso.

Precisamos entender esse mundo cultural do indígena, precisamos respeitar sua forma de vida, suas crenças e tradições, como fala o autor supracitado, precisamos entender que eles nunca serão como nós. O respeito é a base de um relacionamento saudável e está mais que na hora de reconhecermos o valor desse povo e suas ricas contribuições na cultura tocantinense e brasileira.

REFERENCIAL

ALBUQUERQUE, F. E; KARAJÁ, D. G. A. **Aspectos históricos e culturais do povo Karajá-Xambioá**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2016, 103p.

BARROSO, Lídia Soraya Liberato. **Formação de gestores indígenas, povos indígenas: conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo**. UFT, Palmas, 2011.

Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

FARIAS, José Agenor. **Fluxos sociais Xerente**: “organização social e dinâmica das relações entre aldeias. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1990.

IBGE. **População residente segundo a situação do domicílio e condição de indígena - Brasil 1991-2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas2.html>. Acesso em julho de 2021.

ISA. Krahô. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krah%C3%B4>. Acesso em 20 de julho de 2021.

LIEBGOTT, Roberto Antonio. Aprender com um outro modo de ser. **Jornal Mundo Jovem**, Ano 49, n. 415, abril 2011, Porto Alegre, RS.

MARTINS, J. S. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MATTOS, M. L. B, et al. **O povo indígena Javaé da ilha do Bananal-TO**: Uma Análise Sobre o Desenvolvimento dessas Comunidades. Rev. Cereus, v. 5, n. 3, p.101-116, set-dez./2013, UnirG, Gurupi, TO, Brasil.

MAURO, Victor Ferri. **A trajetória dos índios Krahô-Kanela**: etnicidade, territorialização e reconhecimento de direitos territoriais / Victor Ferri Mauro. Dourados, MS: UFGD, 2011.

NEAI. Uft (ed.). **Povos Indígenas do Tocantins**. 2021. Disponível em: Povos Indígenas do Tocantins. Acesso em: 19 jul. 2021

PINTO, Leila Mirtes, GRANDO, Beleni (orgs). **Brincar, jogar, viver**: IX Jogos dos Povos Indígenas. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2009.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. O surgimento das armas de fogo: alteridade e feminilidade entre os Javaé. **Revista Estudos Feministas**. 1 e 2 de 1999, p. 195 a 205. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11992/11267>>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

SAHLINS, Marshal. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção. **Mana - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

SILVA, Edvan Guarany. **Aspectos históricos e culturais do povo Karajá-Xambioá**: Uma Contribuição para a Educação Escolar Indígena. - Araguaína, TO, 2018.

XERENTE, Afonso Tiikwa. Iknô kãtô, Ĩsitro nã akwe krsakrtamnõze dasĩpsêwa Kãtô kmã psêkwaĩnõrĩ, Danõhikwa – A corrida de toras curtas e longas entre o povo Akwẽ Xerente no Dasĩpê-festa cultural / Afonso Tiikwa Xerente. - 2020.

Maria do Socorro Mesquita da Silva Nunes – Servidora da Rede Publica Estadual - SEDUC, efetuada desde 2004. Atualmente é Professora da Educação Básica na Escola Estadual Francisco Maximo de Sousa desde 2010. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (1998). Pós Graduada em Tecnologias na Educação pela PUC- RIO (2010). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia da População. Estudante da Língua Espanhola no Centro de Línguas - DREA, e discente do Curso de Gestão de Turismo na UFT.

Eliseu Pereira de Brito - Possui Bacharelado em Geografia e Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. É mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Pesquisa GEGATO - Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins, Pesquisador do Núcleo de Estudos Urbanos, Agrários e Regionais - NURBA/UFT. Desenvolve pesquisa sobre a formação territorial do Norte Goiano / Estado do Tocantins. Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína.

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 2021.

Aceito para publicação em 15 de dezembro de 2021.

Publicado em 20 dezembro de 2021.